

IMAGENS D'EPINAL

VOLUME 2



Rua Capitão Gomes, 168
Brazópolis – MG – 37530-000

Publicação Independente
Edição Digital

2021

IMAGENS D'EPINAL

Carlos Gonçalves

As Imagens d'Epinal, de que irei falar, têm uma particularidade especial, é que foram impressas e comercializadas no Brasil pela Landenne&Bravard – Rua Gonçalves Dias 11 – Rio de Janeiro – Brasil (únicos concessionários das Imagens d'Epinal para o Brasil e Portugal). Não é a primeira vez que tal acontece e até de moldes diferentes, passaram a ser totalmente comercializados em Portugal depois de se terem iniciado como edições brasileiras no início do século XX. Lembramos, por exemplo, a revista de HQ **O Carlitos**, os fascículos policiais das **Aventuras de Jim Joyce** do português Reinaldo Ferreira, mais conhecido como o “Repórter X”, e finalmente a publicação satírica **A Melindrosa**. Todas começaram no Brasil, interromperam a numeração, e continuaram em Portugal.

As Imagens d'Epinal brasileiras constam de um total de 30 folhas. As folhas possuem um tamanho próximo do A3 e são impressas numa folha de papel quase transparentes (gramatura próxima do papel bíblia). São folhas de uma qualidade de impressão excepcional se nos lembramos da época (1910).

Existem duas edições, uma mais barata e outra com impressão a ouro, mais cara. Há edições encadernadas pelo próprio editor.

Cada folha retratava um episódio em que a personagem principal cometia uma má ação, era “recompensada” de várias formas, como castigo pelo ato cometido. O número de desenhos variava entre as 9, 12 ou 16 vinhetas. Também contavam as histórias grandiosas ou mirabolantes de figuras célebres, Guilherme Tell, S. Vicente de Paulo, e havia também boas ações recompensadas.

Embora menos, encontram-se relatos impressos só com oito vinhetas, o que nos delicia ainda mais, com a arte apresentada com uma maior dimensão nos desenhos. Os sonhos também têm o seu lugar nos episódios.

Calcula-se que em França, e destas maravilhas, eram impressas por ano cerca de 13 milhões de exemplares e depois distribuídos pela Europa e resto do mundo. São mais de 800, as folhas que se publicaram em França. Mas em Portugal achá-las não é fácil... no Brasil, não sei.

NOTAS:

As 30 folhas das Imagens d'Epinal foram aqui divididas em dois volumes por questões práticas, para que os arquivos em PDF ficassem menores e mais fáceis de colocar à disposição ou enviar via email.

Aqui, nesta edição, as folhas estão sendo publicadas em tamanho pouco menor que o A4, mas como se trata de edição digital, é possível aumentar a imagem na tela para melhor apreciação dos desenhos.

A maioria das Imagens não tem assinatura, mas algumas possuem. São os casos das Imagens de números 1, 7 e 16, de autoria de Lamouche; de números 14, 17, 27 e 28, de autoria de Jules Hennault (ou Hénault); e a de número 24, de autoria de E. Phosty.

Consultando a Bibliothèque Nationale de France, conseguimos identificar apenas algumas das Imagens originais publicadas na França. Como essas Imagens foram constantemente republicadas, as datas indicadas podem não ser da primeira publicação.

Os números e nomes originais das Imagens publicadas neste volume são:

Imagem nº 16 – originalmente nº 424 – *Le Déjeuner du Père Cadet* – Lamouche – 1891

Imagem nº 17 – originalmente nº 353 – *Bon Petit Coeur* – Jules Hénault – 1896

Imagem nº 22 – originalmente nº 957 – *Le Bon Avis de l'Avocat* – 1889

Imagem nº 24 – originalmente nº 347 – *Les Deux Aveugles de Trébizonde* – E. Phosty – 1896

Imagem nº 27 – originalmente nº 336 – *Ahmed, le Fanfaron* – Jules Hennault – 1896



O velho Filante é preguiçoso e avarento. Apesar de possuir alguma fortuna só pensa em comer à custa dos outros. Aproveitando a ausencia da velha Mexerica que está tirando o leite das vacas, rouba uma cesta de batatas.



D. Philomena a salchicheira está contando à D. Gertrudes as bellezas do casamento da Catharina. O pae Filante furta um salame.



O chacareiro zé couve surpreendendo o pae Filante à pular a cerca do pomar atira os cães sobre o larapio e este cahindo, quebra-se dois dentes.



O Filante vendo bonitas cerejas perto do rancho da velha Pulcheria, aproximou-se para apanhal-as, mas esta que o viu chegar despejou-lhe um balde d'agua sobre a cabeça.



O velho avarento foi ao botequim de D. Propicia para comer um pedação de pão que trazia no bolso e fez-se servir um martello de paraty. Filante avistou uns lindos queijos que estavam secando sobre uma prateleira.



D. Propicia estando na cozinha o nosso gatuno apanha um dos queijos e come-o todo inteiro com a maior satisfação.



Mas a dona do botequim que tinha presenciado o facto do fundo da cozinha veiu sentar-se perto do Filante que estava ascendendo o cachimbo.

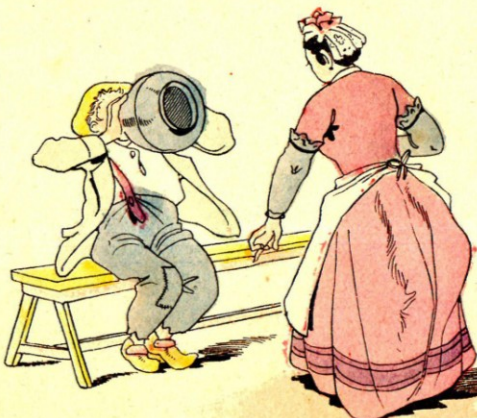


Oh! que felicidade, exclama D. Propicia, não terei mais ratos em casa porque comerão um queijo envenenado que tinha deixado n'esta prateleira.



— Mas, meu Deus! que tem o velho Filante, está ahi mudando de côr, já parece um defunto!

— D. Propicia acôde, estou morto! com o estomago à arder porque foi eu quem comeu o queijo envenenado, Ai, ai! acode pelo amor de Deus!...



Ah! foi você, velho patife! E' bem feito se não beber todo este leite, está perdido vamos, ainda este pole de leite, gatuno!...



E o pae Filante depois de pagar o leite, o queijo e o paraty sahi para a rua em misero estado, pensando morrer à cada passo. As creanças acompanharão-no até a casa, chamando-o de larapio, gatuno, patife, etc. Cremos que o pae Filante recebeu uma boa lição!



Seguindo direitinho o caminho que leva á aldeia vizinha, Sinhá e Lulú vão levar á avó um pão de ló bem douradinho que a mamã preparou.



As duas creanças querendo chegar mais depressa, seguirão um caminho que lhes parecia mais curto e que passava pelo matto, mas perderão-se e começarão á chorar.



De repente perceberão ao longe um pobre velho sentado ao pé de uma arvore e que parecia muito cansado e indigente.



Os dois pararão e Lulú aproximando-se sem medo pediu ao pobre velho que lhe indicasse o caminho.



O velho que tambem seguia para a mesma aldeia ofereceu-se para conduzil-os mas pediu que primeiro lhe dessem um pouco de pão de ló que levavaõ.



Penalisados da miseria do velho os meninos derão-lhe o pão de ló inteiro. «Agradecido meus filhos de sua caridade. Pelo que vejo tendes bom coração, mas não quero privar a avó...



Vou sem tardar leval-os na aldeia...



A avó felicitou os pequenos por terem-se mostrado caritativos e fez sentar o velho na mesa para oferecer-lhe um pedaço de pão de ló. Estavaõ todos felizes, o velho por ter sido recebido com tanta affabilidade e as crianças por terem feito uma bóa acção.



Zé Pateta é bastante tapado: o que sabendo sua mulher, não tem mais confiança no homem do que no animal que vão para o matto buscar lenha.



Vamos besta! diz Zé Pateta ao animal, tu bem sabes que a mulher não quer que se perca tempo.



Não ha como eu para fazer lenha com presteza. Isto é sabido de todos.



E trepado n'um galho, começa á cortar perto do tronco.

Um homem que passava, avisou-o que ia cair.



« Está direito, diz Zé Pateta: a gente sabe o que está fazendo e o Senhor não entende d'isso. »



« Pois continue, meu amigo! » e o viajante seguiu caminho. Mal acabava de fallar que o galho rompeu-se e Zé Pateta deu um tombo no chão.



Estonteado pela queda, Pateta custou á voltar á si e seu primeiro pensamento foi que o homem tinha prophetisado o que lhe aconteceu.



E levantando-se, correu atraz do viajante para perguntar-lhe como havia de morrer.



Para divertir-se com Zé Pateta, prophetisou-lhe que ficaria morto quando seu burro desse o terceiro suspiro.



O jumento tendo suspirado duas vezes, Zé Pateta ficou amarello pensando na morte; e, para impedir a besta que desse o terceiro suspiro, obturou-lhe a parte trazeira com um pedaço de madeira.



Peior a emenda do que o soneto! O jumento suspirou com tanta forca que a cavilha foi bater no peito de Zé Pateta que, cahindo no chão, julgou-se morto de morte matada.



A mulher de Zé Pateta, vendo a besta chegar sósinha em casa, mandou gente no matto para procurar o marido.



Os vizinhos que encontrarão o corpo, ajoelharão-se e recitarão a oração dos defuntos.



E pegando no Zé Pateta, levarão no para a casa; mas, suscitando-se uma duvida sobre o caminho á seguir, o Zé disse: « Se estivesse vivo havia de seguir por este caminho. »



Os vizinhos aterrorizados largarão o Zé Pateta e deitarão á correr, quando virão que era um morto vivo.



A mulher foi então á sua procura e sacudio-o de tal forma que Zé Pateta acaba por dizer-lhe: « É inutil, minha bóa mulher, tu bem vês que estou morto. »



Lolota é muito desobediente, foi bulir com o cão e o animal mordeu-a.



Foi tocar no fogareiro e ficou com os vestidos em chamas.



Quiz ir passear no matto sem a ama e não encontra mais o caminho.



Brincando á beira de um grande tanque, é tão distrahida que cabe n'agua.



Foi na dispensa buscar a cesta dos ovos e tão mal o fez que os ovos cahirão e sujarão-lhe todo o vestido.



Mandarão Lolota buscar doces e na volta divertindo-se com os marrecos deixou tudo cair a contento dos patos, gallinhas, etc.



Tão occupada está em caçar borboletas que quebra e estraga tudo no jardim.



Por maldade foi atear fogo n'uma colmeia e as abelhas vingão-se.



Nem as ferramentas de seu pai estão ao abrigo de suas impertinencias, tambem ficou com os dedos feridos.



Atravessando sem necessidade um campo onde pastavaõ bois, foi atirada no chão.



E tendo-se atrazado para voltar em casa, apanhou um bom aguaceiro que refrescou-lhe as idéas.



Quiz pegar ninhos de passarinhos e as espinhas deraõ-lhe o troco de sua moeda.



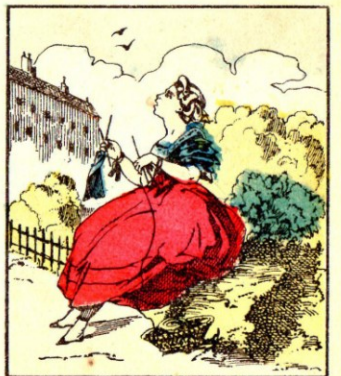
Na igreja estava fazendo tanto barulho que a puzeram no olho da rua.



Diverte-se á incommodar os vizinhos tocando em todas as campainhas, mas recebeu uma carga d'agua que lhe estragou os vestidos.



Quando anda na rua fal-o tão distrahidamente que dá com a cabeça n'um andaime.



Estando á fazer meias, não olha para o trabalho e espeta-se as agulhas nos dedos.



Um moleiro tinha uma filha mais bella do que a luz do dia. Não possuia mais bens do que ella e seu moinho.



Tres ricos rapazes da aldeia proxima vierão pedir a bella em casamento. O moleiro respondeu-lhes: « Ides correr o mundo. »



« Darei a minha filha aquelle dos tres que d'ahi à tres annos tiver adquirido mais merecimento. Ides correr o mundo. »



Os tres rapazes separarã-se indo cada um pelo seu lado.



O primeiro encontrou um musico que seguiu para Paris e acompanhou-o.



O segundo acompanhou um escultor que voltava no Tyrol, seu paiz natal.



O terceiro tendo encontrado no caminho um velho oleiro que puxava um bloco de terra.



Pegou no bloco e carregou-o para a casa do oleiro e la ficou para aprender o officio.



Tres annos depois os tres noivos encontrarã-se no lugar marcado e apresentarã-se em casa do moleiro.



Perguntou o moleiro ao primeiro noivo o que sabia fazer.



Este tirou de sua algibeira uma flauta e tocou com tanto sentimento que os passaros atrahidos esvoaçavão ao redor do musico.



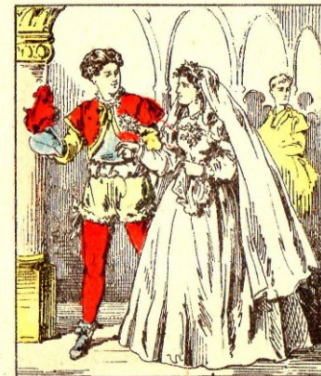
O Segundo pegou n'um pedaço de madeira e com uma faca fez o retrato fiel do moleiro.



O terceiro noivo pegou n'um masso de argila e confeccionou potes, panellas, mousingas, etc. etc.



« Todos os tres tendes talento, observou o moleiro, mas darei a minha querida filha ao oleiro. »



O oleiro desposou a filha do moleiro que no seu vestido de noiva era mais bella do que uma rainha.



E o moleiro fez pintar sobre a parede o seguinte: *O util acima do agradável.*



Um dia de inverno os lobos sahiram do matto para explorar o campo.



Erão conduzidos pelo compadre Lobo, celebre pelas suas aventuras: faltavão-lhe alguns dentes e tinha perdido o rabo n'uma batalha.



Graças á experiencia do chefe, não tardarão em encontrar bom petisco: era um pobre cavallo morto de fome no meio da neve.



Foi um festim de Balthazar; todos comerão com fartura e ainda ficarão restos aproveitados pelos corvos que esvoaçavão esperando sua vez.



Uma vez fartos os lobos descancarão e pedirão ao compadre que cogtasse uma de suas numerosas aventuras. O compadre não se fez rogar e principiou dizendo:



« O nosso officio, meus senhores, é muitas vezes perigoso; no entanto houve uma época em que os pastores tanto receivavam as minhas investidas que só guardavam os rebanhos com as espingardas nas costas.



« Os cães erão armados de enormes colleiras armadas de pontas de ferro e dia e noite ficavão de vigia ás portas das pastagens.



« Apesar de suas armas os pastores e os cães mal me avistavam fugião á pernas que te quer e levavão os carneiros para o curral.



« Foi preciso então usir de artificios para conseguír os meus fins. Um dia encontrei ao pé de uma arvore um pastor adormecido; por causa do calor tinha tirado o chapéu e o vestido.



« Apoderei-me do chapéu e do vestido e depois de revesti-os peguei o cajado do pastor e fui ter com os carneiros que nada perceberão.



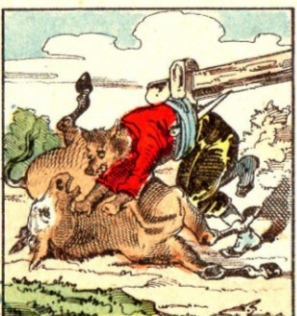
« Escolhi os mais lindos e gorduchos e levei-os com toda a facilidade para o matto onde me esperavão os companheiros.



« De outra vez encontrando-me com um burro que tinha uma espinha espetada na pátta o que o impedia de andar,



« Dei-me como medico e prometti-lhe cural-o radicalmente. O pobre do burro mostrou-me a pátta e pediu-me de arrancar-lhe a espinha.



« Depois de tel-o collocado de perna para o ar attirei-me ao pescoço do burro e estrangulei-o. Tinha cumprido minha palavra, estava curado.»



Os lobos pularão de satisfação ao ouvir tão bellas proesas e o compadre Lobo foi muito comprimtado.



Tão preocupados estavam em ouvir essas historias que não perceberão caçadores que estavam espreitando-os.



Quando os caçadores chegarão á bõa distancia, fizerão fogo á um tempo e quasi todos os lobos cahirão mortos no lugar.



O compadre apesar de ferido gravemente, poude ainda fugir e atravessava uma aldeia quando ouviu dizer por uma mulher ao filho: « Se não ficares quieto, chamo o compadre Lobo ! »



O compadre acreditou que era só entrar e pegar o pequeno, mas o cão de guarda attirou-se á garganta do compadre que já ferido não offereceu resistencia.



A mãe do pequeno chamou os vizinhos com pões e forquilhas matarão o grande compadre. E assim que acabou os malandros.



Um bello dia Yvo Karadura, velho bretão de Bretanha, fez carregar o cavallo com uma boa portada de aveia para ir vendel-a no mercado. O filho observou-lhe que a epocha não era propicia, visto estarem no momento da colheita. Mas o pae respondeu que sabia o que lá ia fazer.



Uma vez os productos vendidos, Yvo procurou pela cidade um advogado e afinal deu com uma casa onde estava collocada uma chapa com o distincto : Dr. Conselheiro — Advogado.



Uma linda bretã veiu abrir-lhe a porta e introduziu Yvo n'uma sala onde muita gente estava esperando sua vez para fallar com o advogado.



Quando Yvo por sua vez, foi chamado, sentou-se perto do advogado e disse-lhe : « Sr. Dr. graças á Deus, não tenho questões com ninguém, mas como ouvi dizer que V. S. só dava bons conselhos, queria que o Dr. me desse um bom conselho pagando ou como do costume.



O advogado achou engraçada a lembrança do Yvo e respondeu-lhe « Está bem vou dar-lhe o que deseja. » E foi para a mesa escrever algumas linhas n'uma folha de papel que entregou ao bretão. Este guardou o papel dentro do chapéo.



Agora Sr. Dr. quanto devo-lhe ? — São 3 \$ 000. — 3 \$ 000 é muito caro Sr. Dr. n.as em summa como dizem que a palavra de um homem de espirito é de ouro, ahir estão os tres mil reis e muito agradecido.



Na porta, Yvo encontrou seu cavallo e seguiu muito satisfeito pensando que agora tinha muita sabedoria dentro do chapéo.



E depois de ter tomado um refresco no boteguim da Pinga Real, montou á cavallo e respondeu ao compadre Matabicho que lhe perguntára porque estava tão alegre : « Estou alegre porque comprei sabedoria que tenho dentro do chapéo. » — Está doído, pensou Matabicho.



De volta em casa, Yvo Karadura encontrou toda a familia brigando porque uns querião ir buscar as aveias cortadas e outros querião deixal-as para o dia seguinte : « Deixem de questionnar, meus filhos, disse Karadura, que tenho a decisão dentro do chapéo. »



E tirando o chapéo, mostrou o papel do advogado; como todos ficavam boquiabertos, Yvo chamou sua filha e mandou-lhe ler as palavras escriptas pelo advogado dizendo que n'estas poucas linhas havia resposta para tudo.



Com effeito no papel só estava escripta uma phrase : « Não deixar para amanhã o que hoje podemos fazer. » — Então não disse, exclamou Yvo, agora rapazes e raparigas vamos comer um bocadinho e depressa vamos no campo tratar das aveias.



O cavallo foi tirado da cocheira e posto na carroça; e enquanto o filho tratava de arrear o cavallo, Karadura não deixava de repetir ao filho que se lembrasse sempre d'esta sentença que da primeira vez dinha dado solução á uma duvida.



Algumas horas depois voltarão todos dos campos e acompanhavam com alegria, dançando e cantando, o carro que trazia para a casa a bella colheita de aveia.



Mal estava a colheita guardada no celeiro que uma malonha tempestade desencadeou-se sobre o paiz e a maior parte das colheitas foram levadas pelas aguas e atiradas nos rios. De toda a aldeia só o Karadura nada perdeu.



No dia seguinte os vizinhos, que na vespera capovavam o velho Yvo de sua pressa em trazer para a casa a sua colheita, foram felicital-o. « Isto é muito simples, dizia o velho, é porque tenho dentro do chapéo um papelzinho que resolve qualquer duvida. »



E não foi preciso dizer mais nada para que todos os vizinhos quizessem conhecer o que havia de escripto no papel. Um velho camarada de Karadura pagou-lhe a beber e chegou a ler o papel que Yvo conservava em segredo. Foi sufficiente para todo o paiz conhecer a sentença do Dr. Conselheiro e agora todos na Bretanha não deixam para amanhã o que hoje podem fazer.



Preparativos.



A sahida para escola.



Tentaçãõ.



Olhem... ameixas !!!



O projecto.



O assalto.



Sorpreza.



Salve-se quem puder.



Ai !!!



Prisioneiro.



Minha orelha !



O Tribunal.



O castigo.



O pai... zas !



O mãe... tras !



Confissãõ.



As consequencias.



« Bens mal adquiridos,
nãõ aproveitãõ. »



Onde leva.



Era um sonho.



Dois velhos janissaros de Mustapha-Zim-Lalla, que tinham sido cegos quando prisioneiros, mendigavam à porta da mesquita de Trebizonda. Pouco recebiam porque os Crentes à caridade tinham fechado o coração.



Um dia um jovem patife, concebeu o plano de divertir-se à custa dos cegos: « Então, meus velhos, como vão a ferla? — Mal, meu filho, a caridade fugiu d'este mundo para voltar aos pés de Allah! — Estais enganados, meus irmãos, aqui tendes uma rupia para os dois. » E o velhaco retirou-se acompanhado das bonções dos cegos.



« Vamos em casa do cambista, disse um d'elles e lá trocaremos a rupia que o rapaz te deu afim de repartir a importancia. — A rupia que me derão? replicou o outro cego, mas foi você quem a recebeu. — Eu? — Sim, você! por Mahomet! »



Cada qual sustentando que não era elle, mas o companheiro que tinha recebido a rupia, a discussão azedou-se e os dois cegos pegaram-se pelas barbas injuriando que constitue o maior insulto para os musulmanos. Por fim acalmaram-se e depois raciocinando, convenceram-se terem sido enganados pelo moleque. Resolverão vingar-se.



Tornemos a occupar os nossos lugares e façamos como se não tivessemos percebido a viltrearia. Mas se o miseravel voltar, quando passar entre nós dois, que os nossos cacetes cahem a um tempo sobre sua cabeça. O patife voltou e collocando uma pedrinha em cada um dos pratos dos cegos acrescentou disfarçando a voz: « Ah! tendes, meus dois velhos, uma esmoia para cada um de vós e que Mahomet os guarde! » Mas os cegos que tinham reconhecido a voz do pequeno arremessaram os cacetes a um tempo; por infelicidade não tinham calculado que os pés eram muito compridos e foram elles mesmos que apanharam as cacetadas.



E o tratante dando um pulo passou entre os cegos e fugiu rindo-se do resultado da sua brincadeira. Os dois cegos estonteados pelas pancadas recebidas recobrarão os sentidos em poucos minutos e reconhecerão que não tinham sido previdentes.



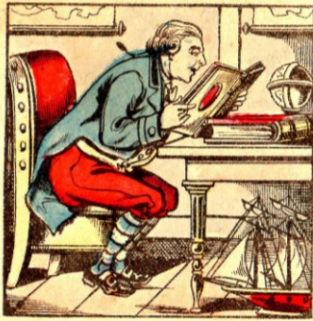
Combinarão então de tomar precauções para punir o malandro se elle se atrevesse a incommodar os outros vez. Mas enquanto o moleque divertia-se à custa dos cegos; Mahomet que tinha tudo presenciado resolveu castigar o atrevido. « Pela minha barba! disse elle, é preciso que tanta irreverencia para a velhice d'estes pobres indigentes acabe por uma reprehensão exemplar! » E com effeito o castigo foi terrivel.



Os dois janissaros tinham combinado que no momento de dar a pancada haviam de dar cada um um passo para traz. E assim preparados tornaram a occupar os lugares respectivos. O vadio não tardou muito em renovar a brincadeira, mas os velhos tendo reconhecido a voz do moleque, deram um pulo para trazer arrumaram-lhe duas boncosas ficando contrariados de terem machucado o rapaz e trataram de faz-lo voltar a si. Quando o pequeno tornou a recuperar os sentidos ouviu uma voz que vinha do alto e que dizia: « bençãos sejam as almas caridosas. Pobres velhos, Allah os ajuda! Mas todo o seu resentimento ha de pesar sobre quem não respeita os pobres e os afflictos! »



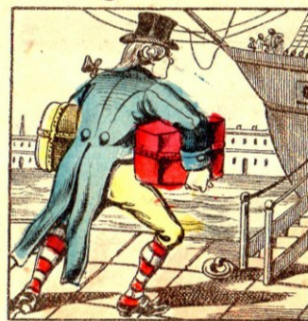
A criança restabeleceu-se e pensando na bondade dos velhos cegos que podião tel-o castigado mais cruelmente, converteu-se a melhores sentimentos. Com a idade adquiriu sabedoria e piedade e dedicou sua vida à educação das crianças.



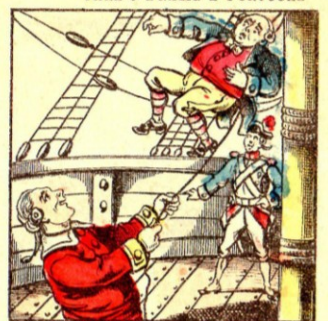
O Sr. Salgado adquire o gosto das viagens lendo as historias dos grandes navegadores.



Tendo tomado a resolução de viajar faz incontinentemente seus preparativos.



Embarca-se sobre a fragata a « Buliçosa »



Durante a travessia quiz subir nas enxarcias mas os marujos divertirão-se.



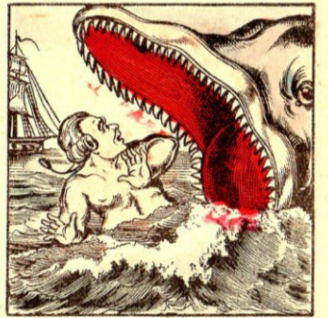
De tal modo que o Sr. Salgado cahiu no chão provocando a alegria da equipagem inteira.



Apenas levantado de sua queda ficou com enjôo do mar.



Passando debaixo do Equador o nosso Salgado recebeu o baptismo acostumado.



O navio tendo fundeado por alguns dias, o Sr. Salgado quiz tomar banho; mas um tubarão monstro quiz comel-o sem sal.



Mal tinha escapado d'este perigo que o navio tendo naufragado, foi atritado pelas ondas sobre a costa d'África.



Recebeu immediatamente os cumprimentos de uma enorme giboia que queria engulir-o.



Apenas escapado da serpente, vê aproximar-se um grande jacaré; tendo trepado n'uma arvore um macaco que n'ella estava foi devorado em lugar de Salgado.



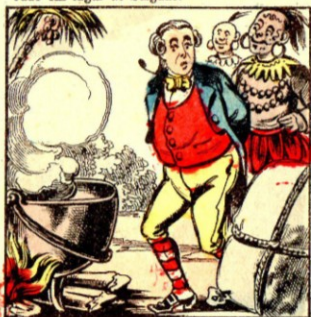
Salgado ficou todo contente de estar livre de tantos perigos.



Mas coitado, enganava-se! encontra-se de repente com um leão que ia liquidar-o, quando um selvagem soccorreu-o opportunamente.



Reconhecido o nosso Salgado agradece comovido o selvagem que salvou-lhe a vida.



Mas os selvagens fazem-lhe comprehender que salvarão-no para cozinhá-lo.



Porem um d'elles foi de opinião que devia esperar para o dia seguinte.



O nosso Salgado espantado da sorte que lhe é reservada pode com grandes esforços fugir do lugar onde tinha sido encarcerado.



Mas o caipora na sua fuga é perseguido pelos chacaes que tambem querem devorá-lo.



O infeliz Salgado sempre correndo vae dar n'uma colonia onde é recebido com muita caridade.



Mas enfraquecido por tantas aventuras e perigos, o pobre Salgado perdeu o gosto das viagens e morre rodeado pelos bons colonos que lhe tinham dado a hospitalidade.



Pilarão está, ha mais de 10 annos, empregado em casa do Sr. Basilicão, dono da drogaria do Indio, no Itapirú.



Todos os dias o pobre Pilarão ficava enlameado pelos carros que passavão e os criados ainda divertiam-se com elle.



Aborrecido d'esta vida, Pilarão exclamava olhando para o quadro do indio: «Oh! homem da natureza! como deves ser feliz nas tuas florestas pudesdes tu passar semelhante vida!»



À noite, Pilarão adormece depois de ter tomado a determinação de sahir no dia seguinte para o paiz dos selvagens.



Chegado no porto de embarque, falla com o capitão Pamphilo e pede-lhe para leval-o no paiz dos homens da natureza o capitão accoita.



Durante a travessia, Pilarão quer ver tudo e tudo examinar; mas os marinheiros pedem-lhe com delicadeza que os deixe socogados.



Pilarão foi queixar-se ao capitão e este, para evitar brigas à bordo, desembarca o nosso homem n'uma ilha da Nova-Caledonia.



Salvei bella natureza, diz Pilarão: aqui não ha droguitas, nem carros, nem criados insolentes.



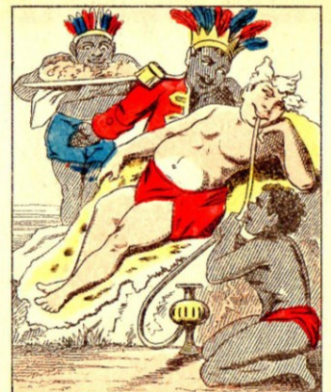
Pilarão precisando lavar-se, foi tomar banho n'um rio cuja agua era crystallina, quando apparece Tongo-Taba que é muito parecido com o indio pintado na drogaria.



Tongo-Taba fica maravilhado de ver uma pelle tão branca e lamba os beiços ao pensar no bom petisco que vão arranjar com o pobre Pilarão.



Pilarão é levado na presença do rei Graxoso XXII que fica admirado e recebe-o com muita amabilidade.



Durante mais de seis mezes, o Pilarão passou um vidaõ: comidas saborosas e nenhum trabalho. Que boa vida! não cessava de dizer o Pilarão.



Mas, um dia, o cozinheiro do Rei aproxima-se armado de um enorme facão e faz-lhe comprehender porque o estavam engordando.



Pilarão foi amarrado ao pé do grande Manitou, e o cozinheiro enterra-lhe a facão no coração até o cabo. Pilarão lança um grito horroroso, e...



...desperta em sobresalto. Tudo isto foi felizmente um sonho que teve o Pilarão e que curou-o do gosto de viajar.



Um anno depois, Pilarão desposou a filha do Sr. Basilicão, ficou dono da drogaria e teve muitos pequenos Pilarões.



Ha fanfarrões em todos os paizes. Este é um Arabe, de nome Ahmed, que a todo momento vae contando o seu valor e a sua temeridade.
— Quantas vezes, disse elle, não fiz fugir o rei do deserto com este simples bastão.

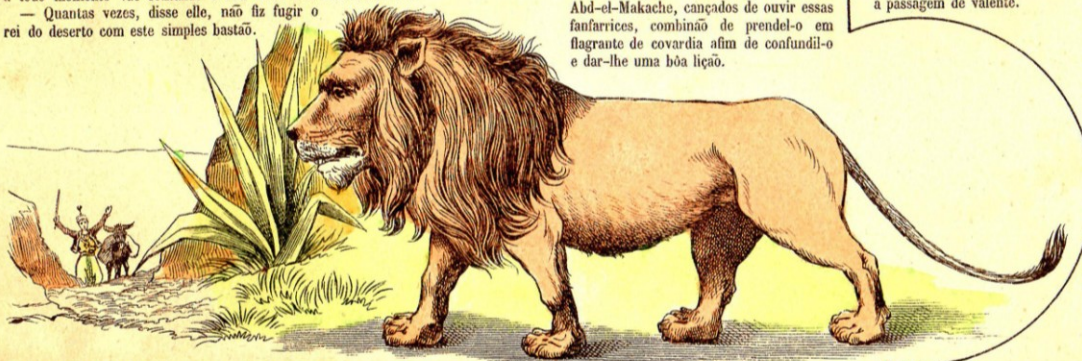


Dois amigos de Ahmed, Bou-Taba e Abd-el-Makache, cansados de ouvir essas fanfarrices, combinão de prendel-o em flagrante de covardia afim de confundil-o e dar-lhe uma boa lição.



Abd-el-Makache, escondido perto do lugar, espera para testemunhar a valentia de Ahmed.

Ahmed tendo de ir ao mercado vender os seus productos, Bou-Taba, coberto com uma pelle de leão, postou-se n'uma curva do caminho e esperou a passagem de valente.



De repente, Ahmed appareu levando um jumento carregado de fructas; mal percebeu o enorme animal que ao avistal-o começou a rugir, Ahmed fugiu sem mesmo pensar em todas suas fanfarrices, julgando não haver testemunhas de sua valentia.

E mais leve do que uma gazella fugiu a pernas que te quer, esquecendo o bom do jumento que elle julgou ficar despedaçado pela fera.



Os dois pandegos, Bou-Taba, que tinha largado seu travestido, e Abd-el-Makache não acabavam de rir da boa pilheria pregada ao valentão.

E depois de visitar as cestas que levava o jumento, almoçarão com deliciosas melancias, figos, damascos e muitos outras fructas saborosas que Ahmed levava ao mercado enquanto o animal pastava com tranquillidade à espera da volta de seu dono.



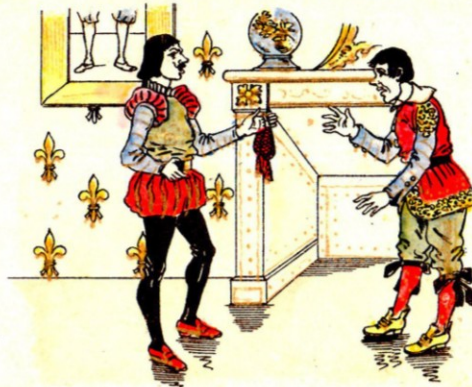
O valentão Ahmed, que parou cansado longe d'ahi, encontrou-se com amigos aos quaes começou a contar que tendo-se encontrado com um enorme leão n'uma volta do caminho, a fera roubara-lhe o jumento e fugiu, esquivando-se assim ao castigo que ia infligir-lhe armado de seu facão...
...E com a faca na mão parecia tão valente que os amigos afastavao-se instinctivamente.

Ainda fallava quando chegarão Bou-Taba e Abd-el-Makache, acompanhados pelo animal de Ahmed, e com grande gaudio de todos explicarão a aventura e demonstrarão a temeridade do fanfarrão. Ahmed fugio de novo sem esperar pelo resto baixo uma estrondosa assuada e ficou tão envergonhado que até hoje nunca mais appareu no lugar afim de evitar os motejos de seus camaradas.

Jules Henault



O marquez de Carrapeta, voltando da guerra, é recebido condignamente pelos seus vassalvas.



No dia seguinte, desejando comprimentar o rei, chamou seu criado José para trazer-lhe a roupa: mas este tendo observado que as camisas de seu amo tinham-se estragado durante a guerra, o marquez deu-lhe uma bolsa de dinheiro para ir comprar novas.



O José pensou que este faria um figurão no seu bolso e resolveu em lograr alguém afim de comprar camisas sem gastar dinheiro. Para isto, vestiu-se com o mais elegante traje de seu amo e foi para a cidade.



O mercieiro João Baptista, vendo passar tão elegante fidalgo, offerceu-lhe suas mercadorias.



Mostrou-lhe suas camisas mais finas.
— Muito bonitas, disse José, mas desejava que a vestisse afim de apreciar melhor o efeito que produz.



« Pois não », responde o mercieiro, e vestiu a camisa.
— Agora sim; mas precisando também camisas para minha mulher e meu filho, desejo que façam vestir camisas à tua mulher e à teu filho.



João Baptista chama sua mulher e seu filho.



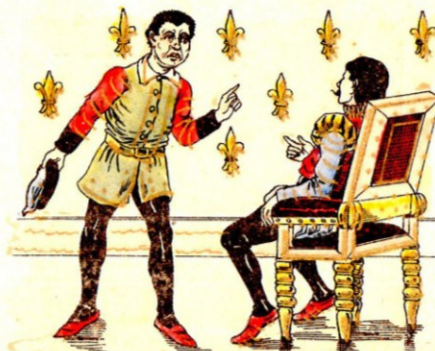
Todos vestirão camisas.
— Muito bem! disse José, na frente estão perfeitas; queirão virar para ver se nas costas estão boas.
E o José aproveitou do momento para fugir, levando um embrulho de camisas.



Depois de alguns instantes o mercieiro perguntou: « V. Ex.^a está satisfeita? » Mas não recebendo resposta, virou-se e ficou espantado quando não encontrou mais o freguez. Compreendeu então que tinha sido victima de um gatuno e correu com sua mulher e filho atrás do elegante José.



O José tendo encontrado a guarda, disse aos soldados: « Prendem estes tres loucos que estão me perseguindo! » Os soldados prenderam o mercieiro e sua familia, e observarão-lhe que estava faltando de respeito ao marquez de Carrapeta. — Mas este não é o marquez! — Pudera, não vê o seu escudo bordado nas costas!



Os soldados levarão o mercieiro no castello do Marquez que ficou conhecendo a perfidia de seu criado e que mandou indennisar João Baptista.



Quando o José, satisfeito de sua gatunagem, veio trazer as camisas ao marquez, recebeu tantas pauladas quantos escudos havia na bolsa, sem comprehender o que se tinha passado.



A princesa Belleza era filha de uma rainha e era tão orgulhosa que sua mãe prophetisou-lhe muitas desgraças futuras por causa do orgulho.



A rainha precisando ir fallar com a Fada do Deserto, ficou perseguida pelos leões.



O anão amarello appareceu de repente e salvou a rainha das garras das feras.



A rainha prometteu ao anão de dar-lhe sua filha Belleza em casamento e esta aceita o anão por marido.



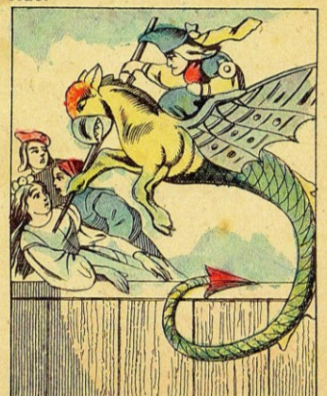
Mas Belleza esquecendo a promessa, casa-se com o rei das Minas de Ouro.



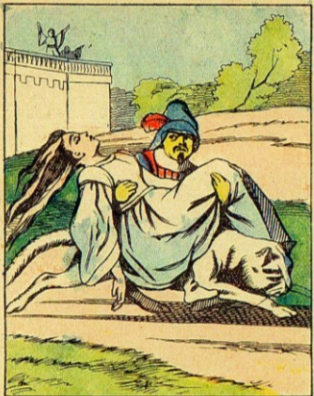
No momento da cerimonia, a Fada do Deserto trepada n'um caixaõ puchado por dous perús, apresenta-se no meio dos convidados.



O anão amarello, que estava escondido dentro do caixaõ, sahe á cavallo sobre seu gato d'Espanha e provoca o rei das Minas de Ouro.



Emquanto a Fada montada n'um dragão fero a Belleza com sua lança.



Incontinentemente o anão amarello apodera-se de Belleza e foge com rapidez.



Levou-a no castello de Aço cuja entrada era defendida pelos dragões e que estava situado no centro de uma grande lagõa.



A fada tendo compaixão do rei, appareceu-lhe sob a forma de uma nympha e deu-lhe uma espada de diamante.



Pela ordem da Fada, uma sirena faz atravessar a lagõa ao rei das Minas de Ouro que assim pode chegar no castello de Aço.



O rei combate e mata todos os dragões.



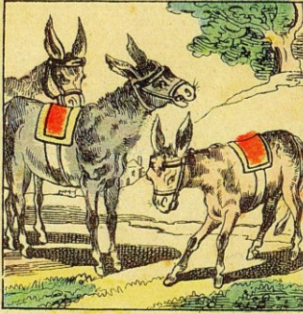
As nymphas que querem impedir-lhe a entrada são mortas em pouco tempo.



Emfim chega perto de Belleza e fica tão feliz que, esquecendo a espada que fazia sua força, deixou-a cahir.



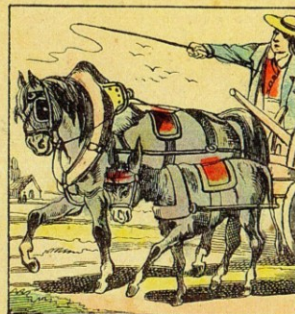
O anão amarello apodera-se da espada, mata o rei e Belleza morre de dôr.



Nos campos do Capim havia um pequeno animal que pastava com toda a familia. Erao animaes de puro sangue e de grande valor.



Quando o pequeno burro attingiu a idade de trabalhar, foi vendido a um fazendeiro por 400\$ 000 e este fez-lhe collocar as ferraduras.



No dia seguinte aparelhado com um grande cavallo, fizeram-no lavar as terras, o que era um trabalho excessivo para o pequeno animal.



Tanto fizeram que tendo estopiado o burro, venderão-no por 300\$ 000 a um palhaço que começou a ensinal-o.



O palhaço ensinou ao animal a comer na mesa com um guardanapo preso ao pescoço.



E a dansar sobre as pattas, acompanhando a musica.



Um bello dia, um vadio pediu ao palhaço para vender-lhe o burro afim de poder ganhar a vida a custa do pobre bicho.



Mas como não sabia mandar o animal, este não se movia e o publico mofava do idiota que sabia menos do que o burro.



E o bestunto furioso de sua ignorancia, vingava-se brutalmente sobre o pobre burro que não tinha culpa.



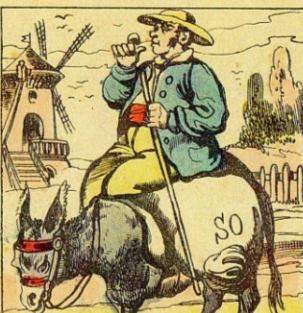
Foi então vendido por 200\$ 000 a um negociante que alugava animaes para passeiar.



Muitos sujeitos que não sabião montar, maltratavão o animal e este disparando atirava com os freguezes no chão.



O pobre burro ficou tão maltratado que tornou-se perigoso para as pessoas que que-rião montal-o e, por esse motivo, foi vendido a um moleiro de mão genio.



O moleiro fel-o carregar saccoes de farinha muito pesados e ainda montava sobre a animal.



Tanto fez que, um bello dia, o burro abatteu debaixo da carga e apesar da pancadaria não se levantou mais.



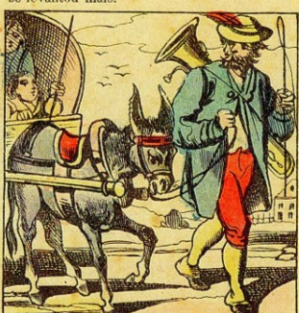
Um musico que por ahi passava puxando a familia toda dentro de uma carrocinha...



... disse ao moleiro que era estúpido dar no animal que estava meio morto e que mais intelligente seria se descarregasse a carga para alivial-o.



Uma vez aliviado, o pobre do burro levantou-se, mas o moleiro, vendo-o em tão misero estado, vendeu-o ao musico por 25\$ 000.



O animal, tendo sido tratado com carinho, recobrou a saude e as forças, de maneira que o musico poudo aparelhal-o no carro, serviço que não era muito pesado.



Como continuasse a ser bem tratado, tornou-se tão manso que até as creanças montavão o burrico para divertir-se.



E ficou tão lindo e sadio que os antigos donos, reconhecendo quanto havia sido estúpidos, quizerão compral-o novamente. Mas o musico respondeu-lhes: « Dais-nos animaes e eu os trato bem; conservais o vosso dinheiro que eu guardo minha besta. »



Capas de livros compilando páginas das Imagens d'Epinal



Capa de uma das edições francesas.